

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
6 e 12 de abril de 2024

THE CONVERSATION / 1974

(*O Vigilante*)

um filme de Francis Ford Coppola

Realização: Francis Ford Coppola / **Argumento:** Francis Ford Coppola / **Fotografia:** Bill (Wilmer) Butler / **Montagem:** Richard Chew / **Direcção Artística:** Dean Tavourealis / **Décors:** Doug Von Koss / **Som:** Walter Murch / **Música:** David Shire / **Interpretação:** Gene Hackman (Harry Caul), John Cazale (Stan), Allen Garfield (Bernie Moran), Frederic Forrest (Mark), Cindy Williams (Ann), Michael Higgins (Paul), Elizabeth Mac Rae (Meredith), Teri Garr (Amy), Harrison Ford (Martin Stett), Mark Wheeler (repcionista), Robert Shields (homem que mima), Phoebe Alexander (Luraleen), Robert Duvall (o Director não creditado).

Produção: Fred Roos para The Directors Company e Coppola Company Productions / **Cópia:** digital, cor, com legendagem electrónica em português, 113 minutos / **Estreia Mundial:** 7 de Abril de 1974 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Apolo 70 e Satélite, a 23 de Março de 1983.

O título deste filme indica com exactidão o seu objecto. O longo e belíssimo plano sobre o qual corre o genérico indica, com igual exactidão, o seu método. Com efeito, pode dizer-se que este é o filme de uma conversa. E Coppola filma essa conversa por meio de uma lenta e paciente aproximação, semelhante ao movimento da câmara sobre a praça de San Francisco onde um casal tem a conversa que é a “conversa” do filme.

A ideia andou na cabeça de Coppola tanto tempo quanto Jacob serviu a Labão: sete anos. Entretanto, Michelangelo Antonioni filmou **Blow-up**, e quando Coppola apresentou **The Conversation**, natural e justamente a crítica aproximou os dois filmes, mencionando a influência de Antonioni sobre Coppola. Coppola torceu o nariz e garante que o seu projecto já estava, então, inteiramente amadurecido, sendo por isso autónomo. Mas se não há nenhuma razão para duvidarmos de Coppola, também é verdade que a estratégia dele é similar à de Antonioni, mudando apenas a área de acção, da imagem para o som: lembro que **Blow-up**, como o título indica, mostrava, através da ampliação de fotos, a “descoberta” de um crime, enquanto o tema de **The Conversation** é a “eventual” descoberta de um crime através de uma gravação sonora.

Em ambos os filmes, o papel dos *media* é significativo e no caso de **The Conversation**, como vamos ver, a *mise-en-scène* de Coppola concede-lhe lugar privilegiado – veja-se, logo no início, a atenção, a roçar o fetichismo, que é dedicada a toda a operação de registo da conversa do par (Ann e Mark, isto é, Cindy Williams e Frederic Forrest), bem como depois as cenas no atelier de som de Harry (Gene Hackman) ou a sequência do congresso dos profissionais de escutas.

Embora filmado quase obsessivamente do ponto de vista de uma só personagem (Gene Hackman), **The Conversation** é, a meu ver, um dos grandes filmes sobre o apagamento das figuras humanas, convertidas em sombras das extensões mecânicas que criaram. Deixem que eu vos cite o que Coppola disse numa entrevista e talvez se perceba melhor:

“A personagem que Hackman interpreta tem uma envergadura tão pequena que alguns espectadores terão dificuldade em interessar-se por ele. Hackman era ideal para esse papel, devido à banalidade do seu físico, elemento capital na personagem. É o homem invisível por excelência. Passa o tempo a espiar os outros, a registar as suas conversas, e tem tanto medo de poder ser observado que deixou praticamente de viver, reduzindo-se quase ao nada.”

Eu queria mostrar apenas o nascimento de uma dúvida, a tomada de consciência da personagem. A ideia do crime não é um símbolo, é o motivo central à volta do qual se elabora a sua obsessão. Partindo desse princípio, comecei a interessar-me pela ideia de repetição. A conversa entre Ann e Mark parece, na sua origem, desprovida de toda a espécie de significação. Mas, por detrás das palavras, começa a emergir um sub-texto que é muito dramático. Repetindo sistematicamente esse diálogo, há qualquer coisa que começa a aparecer por baixo da banalidade das palavras. O público começa a prestar atenção não às próprias palavras, mas ao que elas dissimulam, a esse medo que elas traem.

O filme construiu-se como um fragmento de música. Utiliza a repetição sistemática da mesma cena dando, de cada vez, novas informações. Um segundo nível aparece, depois um terceiro, ainda mais outro, e de repente tudo toma nova significação."

Este mecanismo de repetição, que corresponde no fundo ao movimento de aproximação (e de redução) que vemos no primeiro plano do filme, cria a ideia de um circuito fechado em que a objectividade se torna em simultâneo inevitável e insuportável, donde a conclusão lógica do filme, com Gene Hackman encurralado no seu próprio apartamento e transformado, como à época escreveu um crítico da revista *Positif*, em "écouteur écouté".

Curiosamente, e quando se falou da estratégia "modernista" que **The Conversation** foi colher a Antonioni nunca ninguém se referiu a um particular aspecto, a saber: enquanto em **Blow-up**, dada a simpatia do protagonista, os espectadores se projectam nele, em **The Conversation**, se projecção psicológica há é no sentido em que cada espectador se transforma num *voyeur*, e já agora, num *écouteur*, isto é, a nossa simpatia (pelo menos a minha) vai direita para os aparelhos que permitem ver sem ser visto e ouvir sem ser ouvido. O que, diga-se, antecipa em mais de 40 anos essa antropomorfização da máquina a que a robótica nos conduz hoje.

Com efeito – e depois da saga tão mediterrânica e afectiva que era **The Godfather**, este **The Conversation** surge como um filme único na obra de Coppola, filtrando toda a realidade através dos *media* e dos seus aparatos. De uma forma fragmentária, são as máquinas (a câmara e os gravadores) que vão recompondo a realidade e ajustando, como se de um puzzle se tratasse, as imagens e os sons, até que a frase-chave surge e ilumina o enigma; "He'd kill us if he had the chance".

A partir deste ponto, **The Conversation** sofre uma considerável reviravolta e o posto de comando passa então dos meios mecânicos para a percepção subjectiva de Harry. Digamos que, embora fascinante, **The Conversation** era, até esta viragem, pouco coppoliano. Quando os problemas de percepção de Harry se tornam dominantes, os temas coppolianos emergem, em particular o tema da responsabilidade moral, dominante também em **The Rain People**. Nessa altura, e só nessa altura, **The Conversation** assume o tom de uma parábola sobre o mundo moderno e sobre a solidão e impotência (Harry Caul é outro dos grandes *loners*, e também *losers*, da obra de Coppola) que, nesse mundo de "informação", se reserva à "componente humana".

Nesse sentido, **The Conversation** é o mais pessimista dos filmes, absolutamente *blue* (falo das cores, mas também do *mood*), caso da sequência com Teri Garr, que prefigura a solidão irremediável de Harry, mas que sobretudo se acentua depois da cena da confissão do protagonista, para ter o seu ponto culminante na cena final, uma das mais cruéis e desesperadas do cinema de Coppola, naquele apartamento devastado a que só o grito lancinante do saxofone dá uma última nota humana.

Manuel S. Fonseca